



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1536

## Entre Fausto e Quixote: representações do socialismo de Oswald de Andrade

CARRERI, Marcio L. (UENP).

FRAGA, Estefania K. C.  
(PUC-SP).

**Resumo:** A presente reflexão pretende apresentar resultados parciais de um estudo sobre o pensamento e prática política do escritor paulista Oswald de Andrade (1890-1954) no ambiente cultural e político de São Paulo na década de 1930. O objetivo é analisar a filosofia marxista e a adesão ao PCB são marcas da inflexão do escritor, que, de esteta e ponta-de-lança do movimento modernista adentra ao conturbado mundo político da época, construindo, na luta partidária e política, sua visão de mundo. Fragmentos do pensamento do autor e formas de inserção no Partido serão considerados para a apresentação. O texto é dividido em três partes, o primeiro apresentará as contradições e afirmações de sua proposta; a segunda parte sobre a antropofagia combinada com o marxismo e, finalmente, a leitura que Oswald fez de Marx, que implicou no processo de formação de seu marxismo. A temática da Antropofagia, muito cara para o literato, receberá um adicional importante, o marxismo. O socialismo mestiço e intercultural de Oswald de Andrade foi pouco valorizado pela esquerda política e pelos estudos acadêmicos, mas é fundamental para pensar a política, cultura e narrativa do Socialismo e da América Latina.

**Palavras-Chave:** Oswald de Andrade; Socialismo; Antropofagia; Marxismo.

Se a Fausto é permitido abrigar duas almas em seu peito, por que uma pessoa normal não pode apresentar o funcionamento simultâneo e contraditório de tendências intelectuais opostas.  
Lukács, **História e Consciência de Classe.**

O propósito central desse artigo consiste em apresentar resultados provisórios de uma investigação sobre a representação de socialismo construído pelo escritor Oswald de

Andrade em sua produção literária, em dois momentos, nos antecedentes e quando de sua filiação ao PCB, ocorrido em 1931.

Para refletir sobre as questões que decorrem desse recorte de análise da trajetória de Oswald de Andrade, seria pertinente trazer para o texto uma síntese da produção oswaldiana em épocas, meios e linguagens diferentes, através de um diálogo com os especialistas de várias áreas do conhecimento que refletiram sobre essa linha temática de estudos. Contudo, no espaço dessa reflexão, a ênfase se dará, sobretudo, na Revista da Antropofagia, com o propósito de refletir sobre como o a trajetória de Oswald e sua efetiva participação nos meios e nos embates políticos e culturais de sua época, nos momentos que apontamos acima, atravessam a sua produção literária.

Construído em três partes, apresenta primeiramente o envolvimento de Oswald na época de ouro do Modernismo, em seguida, a inflexão do escritor e, por fim, a consolidação de sua perspectiva político-filosófica. O artigo critica o pensamento hegemônico da academia e da esquerda, que afirma a oposição entre vanguarda literária e engajamento político e define os escritos de Oswald durante o “sarampão comunista” de 1930 a 1945, como “menores”, o texto também trabalha a aproximação da antropofagia com o marxismo.

### **Cosmopolitismo e enraizamento social**

O envolvimento de Oswald nas questões e embates que movimentaram o ambiente intelectual de sua época, se presentificam na sua prática intelectual, abrindo possibilidades de se reconhecer a particular leitura que faz do seu tempo.

O escritor não fora um marxista ortodoxo, muito pelo fato de viver sob uma ordem tradicional católica no período de formação, capitalista e burguesa quando de sua produção literária, e também pelo fato de possuir aproximações com as ideias anarquistas, com as quais teve contato em suas viagens a Paris e pela aproximação, no Brasil, com Edgar Leurenroth. Frequentou o círculo intelectual anarquista do italiano Oreste Ristori e do poeta Ricardo Gonçalves. É significativo desse movimento de migração para o Partido Comunista, o registro que deixou em *Serafim Ponte Grande*: “*Nosso herói tende ao anarquismo enrugado*”.

Oswald é considerado um cânone da literatura nacional, embora esse *status* tenha sido por conta de seu estilo, tido como muito polêmico e pouco sério. No entanto, Oswald

teve uma produtiva vida cultural, atuando nos campos da literatura, imprensa e política, participando, sempre de forma muito intensa, do circuito intelectual e cultural paulistano e brasileiro durante mais de três décadas, de 1922 até a sua morte em 1954.

A formação intelectual de Oswald antes de sua adesão ao comunismo tem influência de autores como Montaigne, Hegel, Nietzsche, Dostoiévski, Kierkegaard, Proudhon, Freud e, sobretudo, Marx. Mas a busca por uma forma estética, em voga com os movimentos artísticos na Europa (principalmente na França, principal referência cultural de Oswald), no começo do século, diminuiu consideravelmente a influência do pensador do materialismo histórico. No início da década de 1920, com o Futurismo e Surrealismo fazendo escolas, Oswald vai atualizar as ideias da “província”, como em seu polêmico texto no *Jornal do Comércio*, de 27 de maio de 1921, elencando o autor de *Pauliceia Desvairada*, entre os poetas futuristas:

Graças a Deus! Podemos dizer que não só a França tem os seus Paul Fort, o seus Claudel, os seus Vildrac, e a Itália rejuvenescida o seu maravilhoso Giovanni. Nós também temos os nossos gloriosos fixantes da expressão renovadora de caminhos e de êxtases. Bendito esse futurismo paulista, que surge companheiro de jornada dos que aqui gastam os nervos e o coração na luta brutal, na luta americana, bandeirantemente.

O Futurismo teve influência no Brasil na produção de artistas que tiveram contato com o Manifesto Futurista, escrito em 1909 pelo poeta italiano Felippo Marinetti, fundador do Movimento Futurista. No Brasil, Anita Malfatti e Oswald de Andrade e outros integrantes do modernismo paulista, expressaram em suas produções artísticas a influência e a leitura daquele Movimento e que se caracterizou particularmente pela desvalorização e rejeição da tradição.

Segundo Antonio Candido, Serafim Ponte Grande (1933), e a historiografia assumiu esse marco, é ponto de ruptura da sua obra com a burguesia, embora alguns sinais sejam percebidos nos seus escritos da década de 1920, lembrando que o livro em questão foi escrito entre 1925 e 1929 e a publicação se deu quando ele já pertencia aos quadros do PCB.

Portanto, Oswald, em processo de transição, projetava a despedida de três elementos que o caracterizavam: a formação católica, a relação de proximidade com a oligarquia da política paulista e o parentesco estético com o anarquismo, que foram sendo

paulatinamente substituídos pela intensa vida com Pagu e o filho de ambos (Rudá), as prisões e militância e a atribulada e tensa vida partidária, própria de uma agremiação revolucionária em período de exceção (estado de sítio do período revolucionário de Vargas).

Em seu último texto, Foucault nos oferece uma chave para compreender os vários deslocamentos de referências teóricas e artísticas de Oswald ao concluir que *a vida acaba por fazer do homem um vivente que não se encontra nunca completamente no seu lugar* (Apud: COSTA, 2010, p. 8)). Oswald despediu-se do Fausto que conheceu desde 1922, no ambiente intelectual do Modernismo, um mundo que ajudara a criar, e, numa compreensão de que os pressupostos marxistas o ajudariam a ir adiante, ultrapassando o limiar do que fora, trabalhava motivado pelos ideais pessoais a favor do que considerava ser o movimento e a prática revolucionária.

Um novo papel simbólico, radicalmente diferente, representava Oswald de Andrade e 1929, que a historiografia entendia como causa, teria sido a consequência, a reafirmação de ideias e ideais que o escritor forjara anos antes. A batalha de Oswald se assemelha a de Fausto, que rompe fronteiras, *expande o horizonte de seu ser, da vida privada para a pública, da intimidade para o ativismo* (BERMAN, 1996, p. 61). O texto do Manifesto, lido por Oswald, no contexto da Quebra da Bolsa de Valores, encoraja-o para a militância política, para ajudar a pôr fim às relações sociais do capitalismo.

### **Antropofagia e marxismo: temperos de filosofia e política**

Aproximações estéticas e ideológicas, seguramente havia. Ainda que em forma difusa, há o ponto de contato entre uma linguagem inventiva e original e uma perspectiva social. Em poesias, prosas, manifestos e em jornais, Oswald sempre trabalhou com temas sociais e históricos e, nesse outro tempo, também políticos, como o reconhecimento dos valores da cultura e linguagem populares.

Tal trajetória levanta questões, a partir da aparente contradição entre o capital herdado e o que foi construído por Oswald. Nesse ponto, pode-se refletir sobre como um escritor próximo à oligarquia que tanto criticava, pode propor algo original sobre a identidade brasileira, tendo como base a cultura indígena, e mais, que motivação convincente mobilizaria um rompimento com parte considerável dos modernistas nacionalistas, e, finalmente, por que um autor em vias de consagração, num período em que o “Estado foi se tornando uma instância hegemônica de difusão e consagração de obras produzidas” (MICELI, 2001, p. 198), migrara para a crítica radical do comunismo

engajado.

Após a consagrada Semana de 1922, tendo a frente Oswald e Mário de Andrade, seus mais diversos atores se abrigaram em novas correntes, manifestos e partidos, referenciados por ideias, ações e organizações. Esses espaços refletiam pontos de vistas conflitantes em relação ao cenário político e social da época, ocorrendo aproximações e distanciamentos importantes, sendo a política, no lugar da forma e de técnica literária, o espaço para os debates sobre a literatura, cultura e identidade brasileira.

A proposta radicalizada de Oswald com a Antropofagia contou com Mario, no seu princípio, mas o autor de *Paulicéia Desvairada* afastou-se do projeto em um segundo momento<sup>1</sup>. A elegância de Mario de Andrade não esconde o verdadeiro motivo de sua saída. A ideia de Oswald posta em prática era, nas palavras de Ferraz (1983, p. 46), que fora chamado para paginar a “segunda dentição”, de *uma total radicalização literária, política e social* da Revista, que, na sua primeira fase, havia malogrado em substância. As divergências com os “irmãos maristas” (termo inventado por Oswald para designar Mario e seus seguidores) redundaram numa separação definitiva, como se vê nas diferentes posições sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, por exemplo.

O pano de fundo é o Modernismo, ou mais precisamente a sua herança. Mario defendia uma continuidade, Oswald trilhava outro caminho. A ideia de construção de identidade, a busca de algo em comum aos brasileiros, representado nas artes e na cultura, próprio dos tempos heroicos, agora soma uma abordagem nova, de cunho mais filosófico e sociológico.

*Contra Goethe* - Essa passagem do Manifesto de Maio de 1928 pode ser entendida como uma crítica literária e filosófica ao humanismo burguês, ao romance moderno, contra a ideia da renovação perpétua das formas, entendendo que a obra do literato alemão é uma das representações do iluminismo europeu, do saber racional, mas também do *laissez-faire*, do individualismo liberal muito presente em *Werther*, que o antropófago chamou em seu *Manifesto* de “peste dos chamados povos cultos” (ANDRADE, 1990, p. 51).

No Manifesto Antropófago bem como na Revista da Antropofagia, Oswald escreveu: “*Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista*”. O escritor

---

<sup>1</sup> Geraldo Ferraz relatou uma conversa que teve com Mario, quando se encontraram no bonde “dezenove Perdizes”, indo para a “cidade”: “Está, então, envolvido na Antropofagia com Oswald? - Mais uma coincidência, disse Mario de Andrade. O Oswald lançou o movimento em continuidade à Semana de Arte Moderna. Eu aceitei para manter o *aplomb*. Penso que já passou o tempo de destruição do modernismo brasileiro. Agora é hora de construir, para quê Antropofagia?” (FERRAZ, G., 1983, p. 22).

realizou, com isso, a síntese do pensamento do grupo, com as variáveis do surrealismo e do marxismo. O produto, a Antropofagia, seria a “*idade de ouro*”. Intérpretes e hermeneutas como Marx, Nietzsche e Freud, se fizeram presentes na formulação oswaldiana de 1928.

*A posse contra a propriedade* – Mesmo antes do engajamento político, Oswald criticava o modelo patriarcal de sociedade. Pedra de toque do direito antropofágico, contra o Direito europeu. O patriarcalismo pela propriedade do capital, a ideia que o “Brasil é um grilo”, colocava em questão o Tratado de Tordesilhas e a propriedade da terra.

A fusão do marxismo com a antropofagia produziu, como foi dito, uma nova síntese. Essa síntese foi novamente verificada nos escritos de Oswald no início da década de 1950, quando da sua saída do PCB. Ele reviu a Antropofagia como a “*terapêutica social do mundo moderno*”.

Em *O Antropófago*, Oswald de Andrade reconhece a importância dos três pensadores da Modernidade, ao considerar ambos como referências principais para a sua teoria social. Segundo ele:

Somente a captação do pensamento desses três gênios, Marx, Nietzsche e Freud, poderá indicar o verdadeiro caminho do homem moderno, na direção de sua autenticidade e no derrocamento inflexível das velhas formas absurdas da exploração patriarcal.

O quadro do jovem Oswald (antes dos anos 30) é mais nietzscheano e menos marxista, o que não foi impedimento para a problematização das questões estéticas e éticas. A cisão histórica entre o sujeito e o mundo é o ponto de partida para a assimilação do pensamento de Marx, para, a partir disso, ter uma compreensão mais precisa e um pensamento mais concreto da História.

Uma cisão no grupo, que gravitava em torno da proposta da Antropofagia, foi observada a partir de sua segunda edição (dentição ou deglutição como queriam os antropófagos). Neste momento, Oswald rompe com Goethe, Nietzsche, Schopenhauer, definindo sua opção pelo marxismo, ainda que fosse a sua forma particular de marxismo.

Essa transformação ideológica em Oswald de Andrade não teve a repercussão e foi muito pouco percebida pela historiografia. As mudanças que se processaram no seu interior são maiores que as questões econômicas (crise de 1929), afetivas (relacionamento com Pagu) ou emotivas (aproximação com Prestes), são questões de fundo que vinham sendo trabalhadas por Oswald, possivelmente, antes mesmo da concretização da Antropofagia, como políticas (surgimento e ascensão do fascismo),

intelectuais (redefinição ideológica) e ontológicas, como as razões de fundo ético e estético.

Oswald demonstra um desprendimento do individualismo, matriz que se inicia no século XIX e atravessa todo o período de vida do escritor, que viveu, leu, interpretou, seguiu e propagou a extrema vanguarda do surrealismo. Não teria sido algo simples, o que, de certo modo, também vai exigir de Oswald leituras e reflexões fundamentais, para um escritor que se apresenta na esfera pública como não somente alguém com propostas avançadas de agitação cultural e polêmica, mas, principalmente e assumidamente, comunista.

A metáfora da devoração ainda é polêmica, muito em função também da dificuldade de compreensão de seus pressupostos filosóficos, que se relacionam, muitas vezes, a uma perspectiva meramente estética da produção literária brasileira. A associação entre literatura, política e antropofagia aparece com frequência em textos da *Revista de Antropofagia*; como acontece no editorial do primeiro número da 2ª edição da *Revista de Antropofagia*, “de antropofagia”, escrito por Japy-Mirim (seria Oswald?):

A descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo. Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está – o que os sábios ignoram – na transformação do tabu em totem. Por isso aconselhamos: “absorver sempre e diretamente o tabu” (1929).

Em *O Homem do Povo*, Oswald, devidamente “convertido”, não abandona a antropofagia, mas reelaborou-a, agora sob inclinação marxista, que confere um caráter político aos textos engendrados no campo da cultura produzido pelo escritor paulista. O produto resultante dessa hibridização da antropofagia e do marxismo se aproxima do que Bhabha (1996) chamou de “terceiro espaço”.

Evando Nascimento pensou sobre a fusão de ambas as teses, antropofagia e marxismo, no pensamento de Oswald, com o título *A Antropofagia em Questão*, relata desta forma o experimento:

Antropófagos do Brasil inteiro (em seguida, do mundo) uni-vos! A referência aqui a Marx e Engels não é casual, há algo de utopia revolucionária a caminho – e por isso *caminhamos*. Como quem apressa o passo em direção a uma redenção ou a uma rendição civilizatória, preparada pelo bárbaro tecnizado, fundador de uma civilização matriarcal, sem messianismo todavia (...).

Para Vinicius Dantas, a operação viria no sentido de apropriação da cultura estrangeira para a própria emancipação para completar sua modernização. De acordo com o ensaísta:

Oswald não dormiu no ponto: discerniu rapidamente que a emancipação genuína só podia mesmo ocorrer no campo da sociedade revolucionária e comunista – sua adesão ao comunismo por assim dizer decorreu do visionarismo antropofágico e teve por isso qualquer coisa de lógico, comprovando a consistência social e política da invenção poética. (DANTAS, 2004).

### ***Para a frente é que se deve andar: o encontro com Marx***

Retratos de si, como são os seus próprios, Memórias Sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande, os mundos da ficção literária estão cheios de indivíduos reais de alta complexidade. No caso, Oswald oferece uma verdadeira trama do vivido. Localiza-se no instante do aparecimento, no surgimento do novo, que ainda não se impôs de todo, na transição de uma visão de mundo para outra, um sentimento novo que põe em dúvida o anterior, convivendo nele o passado e o presente, como marcas de um futuro que ainda não aconteceu.

Como se viu, a historiografia aponta a crise de 1929 para a “conversão” oswaldiana ao comunismo, a partir de sua ruína pessoal, mas, se compreende-se uma reavaliação, por parte de Oswald, sobre pensadores, escolas, estilo e temáticas<sup>2</sup>.

A conversão teria sido mais por motivos ideológicos que econômicos. No entanto, Oswald dava sinais de sua inclinação ao marxismo em dois momentos anteriores ao seu encontro com Luis Carlos Prestes e sua filiação ao PC, nas fases das batalhas contra o Integralismo e na cisão da Antropofagia. Em *Hora H* (Carta a Afrânio Zuccolotto), Oswald de Andrade dava as trilhas do “caminho percorrido” de uma geração, que culminaria na vacina do comunismo, tendo a Antropofagia como etapa terapêutica.

A novíssima geração deve pesquisar tudo isso, tem que conhecer a sucessão libertadora da Semana de 22, que eu orientei para o

---

<sup>2</sup> No aspecto teórico, leituras de Kierkegaard, Nietzsche e Freud da década de 1920, foi incorporado, com destaque, Marx, na década de 1930. Do mesmo modo, do Surrealismo para o Realismo; da Estética para a análise sociológica; do nacionalismo para o internacionalismo; do idealismo para o materialismo e a ênfase no índio, branco e negro na questão identitária, para os operários e posseiros.



movimento “Pau Brasil” culminado com alguns dos melhores talentos literários do movimento – Bopp, Pagu, Geraldo Ferraz, Osvaldo Costa, nesse admirável sarampão de revolta que se chamou “Antropofagia” e que havia mais tarde de desembocar no marxismo. (ANDRADE, 2011, p. 73)

O líder tenentista Luis Carlos Prestes, em estágio de proximidade com o PC, foi principal referência de Oswald para sua inserção no comunismo. Confessa no texto *Encontro com Marx*:

Conte como foi que você aderiu ao comunismo?

- Por culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade: - “Oswald, tem o comunismo... Conheci um camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós também vamos ficar. Você fica?”

- Fico. (ANDRADE, 1990. p. 234)

Oswald de Andrade andou pela Europa, por Londres, segundo ele, sem enxergar Marx, e lamentou isso no Prefácio de *Serafim Ponte Grande* (1933), acabou tomando contato com o marxismo no sul da América do Sul. Aceitou a condição de proletário, lutou para a superação do individualismo burguês e, de certo modo, abriu mão do poder simbólico conferido ao escritor, ao romper com as esperanças do Modernismo. Benedito Nunes assim entendeu a “conversão” do escritor paulista para a ideologia marxista.

O nosso autor, após atravessar pelo “lancinante divisor de águas que foi a Antropofagia”, a crise do liberalismo econômico e político de 1929, quando o craque da Bolsa de New York repercutiu na exportação do café brasileiro, encaminhou-se para a extrema esquerda. (NUNES, 1998, p. 15)

Segundo Maria Augusta Fonseca (1990), o panorama político do início dos anos 30 “encontra-se Oswald de Andrade com a fortuna abalada, amizades rompidas, um novo projeto político e uma nova vida amorosa (...)”. Notamos como é inevitável a associação que a historiografia faz da admissão de Oswald de Andrade no Partido Comunista com a sua situação econômica, e, invariavelmente, o faz também a partir de seu relacionamento com Pagu. Rubens de Oliveira Martins, fazendo uso do teórico marxista brasileiro Michel Lowy, tenta entender a mudança do autor de outro modo:

A transição para o campo revolucionário se dá, então, como uma saída vislumbrada para a destruição da sociedade atual e de suas contradições, configurando uma visão trágica do mundo. Esse conflito ocorre entre o desejo de auto-realização da pessoa e a realidade objetiva reificada, exigindo uma tomada de posição moral na vida e na sociedade capitalista. (MARTINS, 2001, p. 165).

Leandro Konder, por sua vez, entende que Oswald se servia da “teoria de Marx” para assustar a burguesia, dando continuidade a uma ação contestadora que se iniciara bem antes da sua “conversão” ao comunismo – (KONDER, 1991, pp. 35-41).

Esses exemplos de interpretação sobre a inflexão do escritor paulistano, demonstra uma recorrência, na historiografia sobre Oswald de Andrade, a vinculação da mudança do Autor, em face da conjuntura mundial, com reflexos locais, como a crise do capitalismo na época. De modo geral, não é considerada, ou é minimizada, a possível influência de seu combate ao incipiente Integralismo, sua produção da Antropofagia e Revistas na nova fase, bem como os traços relevantes de seu itinerário, relações e leituras desenvolvidas sobre o Materialismo e do Existencialismo, de Marx e de Kierkegaard, por exemplo.

A conversão de Oswald foi da facilidade para a dificuldade, uma vez que dispunha de capital tanto cultural como econômico, negando o primeiro para ser um fiel escudeiro de Prestes nas lutas revolucionárias e, o segundo, financiando obras de ideologia comunista, como o romance proletário de Pagu, *Parque Industrial*, em 1934 (ainda que não estivesse mais se relacionando com ela no momento da publicação).

O veio da atuação de Oswald de Andrade, na produção e difusão da cultura comunista nos meios de imprensa, não se deu somente no periódico *OHP*, mas também na Revista Espírito Novo, no Jornal A Platéia, na Revista Problemas, e inclusive durante a repressão do Estado Novo e a *máquina governamental* da propaganda.

Um dos exemplos é na peça *O Rei da Vela* (ANDRADE, 1973, p. 107), como na passagem: “(...) há um momento em que a burguesia abandona a sua velha máscara liberal. Declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiras! Organiza-se como classe. Policialmente”. Entre Abelardos capitalistas, a dramaturgia de *O Rei da Vela* é um testamento da conversão, a denúncia do imperialismo de Wall Street.

Oswald articulou, de forma coletiva, uma incursão no meio político e partidário, a partir do grupo que forma em torno de sua figura, um espaço para suas reflexões. Esses intelectuais (Oswald, Pagu, Queiroz Lima, participação de Astrojildo Pereira e outros), que se juntaram na redação do jornal *OHP*, produziram uma nova forma de literatura, um

discurso que, de forma direta, incomodava numa época que as questões sociais eram um caso de polícia.

Pretendia-se, com o projeto, o estabelecimento de uma nova linguagem, próxima, porém não orgânica do PC, pretendia-se uma comunicação direta com as massas e trabalha na crítica às formas tradicionais de administração de cultura, como os museus, monumentos, concertos, espaços que Oswald conhecia muito bem.

Oswald operava, a partir de sua conversão, a superação do homem burguês pela experiência estética, e, mais profundamente, pela experiência política. Para Marx, o homem *forma* seus sentidos, sua *sensibilidade* e relações sociais numa dialética: na interação com a natureza (no trabalho) e com o outro homem (na comunicação) num processo integral e universal. Escritores e artistas, no final do XIX e começo do século XX (antes de 1914), no entendimento de Hobsbawm (2013, p. 260), liam algum pensador, esse pensador não era Marx, mas o filósofo Nietzsche, cujas implicações políticas favoreciam as elites e o “super-homem” em vez das massas.

Oswald de Andrade reelabora a sua utopia, a sua nova utopia, o comunismo, em *A Marcha das Utopias* (1990): *“No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto (...). Ao contrário da ideologia que procura manter a ordem estabelecida, toda Utopia se torna subversiva, pois é o anseio de romper a ordem vigente”*.

O roteiro pensado por Oswald aproxima Fausto e Quixote, no primeiro caso, numa insistência do escritor na perspectiva de vanguarda (Semana de Arte Moderna, Movimento Pau-Brasil, Antropofagia), por valorizar e utilizar as formas de comunicação direta com o povo e, na segunda, por intuir que a imprensa revolucionária pudesse rivalizar com a imprensa burguesa, ou mesmo a crença na capacidade e na possibilidade de os intelectuais produzirem literatura política e revolucionária, ou ainda, na crença na capacidade de transformação da sociedade, via revolução, por obra de um Partido.

Em certo momento, as antíteses do pensamento oswaldiano são mais evidentes, contradições entre o materialismo e idealismo, numa certa confusão, própria da época, entre um anarquismo literário e um comunismo prático, que também são marcas de sua produção; da postura de individual burguês, advinda de um anseio por reconhecimento no seu meio, até uma perspectiva de coletivo, de literatura social, de participação política, de entrega pessoal a um objetivo e dos embates individuais e coletivos para a construção desse projeto.

De esteta, maior agitador e propagandista, mas também um dos principais formuladores do Modernismo a um simples soldado, chamando-se assim mesmo de

“casaca de ferro”, um defensor do stalinismo dos primeiros tempos, ou ainda, um defensor de Prestes e do prestismo dentro do PC.

Oswald ocupou uma posição singular no pensamento crítico dentro do marxismo brasileiro e a primeira necessidade é sua inserção nele. De um marxista mais próximo do leninismo no começo da década de 1930, a um materialista que não negava o idealismo, algo próximo a um materialista romântico, algo como Lowy tenha enxergado em Walter Benjamin.

Modernista, romântico (primitivista) e realista são formas de compreensão sobre a representação do pensamento de Oswald de Andrade. Michael Lowy e Robert Sayre, em *Romantismo e Política*, elaboraram uma tipologia de romantismo anticapitalista, da qual destacamos o denominado “romantismo marxista”, assim entendido por eles:

Pode-se encontrar na obra de Marx uma dimensão romântica anticapitalista, mas ela está longe de ser dominante. Entretanto, pode vir a sê-lo no pensamento de certos autores que se valem do marxismo, nos quais a nostalgia da *Gemeinschaft* pré-capitalista (ou de seus valores, sua cultura etc.) desempenha um papel essencial, tanto como motivação da crítica do capitalismo industrial, quanto como elemento central da utopia socialista do futuro. (LOWY & SAYRE, 1993, p. 33).

Entre os exemplos elencados pelos autores está William Morris, Lukács, Bloch, membros da Escola de Frankfurt e E. P. Thompson. Observando-se traços do pensamento de Oswald de Andrade, principalmente na década de 1930, é possível relacioná-lo entre estes, ainda que seu itinerário possa apresentar elementos de outra forma de romantismo, sendo deslocamentos, negações e reviravoltas algo comum entre diversos escritores, inclusive aqueles.

Para Lowy e Sayre, o termo é uma referência à visão de mundo que estabelece uma crítica moderna à própria modernidade, pelo resultado do desencantamento, quantificação e mercantilização do mundo, pela abstração racionalista e dissolução dos vínculos sociais (Idem, p. 51 a 70). Oswald realizou a crítica à modernidade e, impactado pela leitura de Marx, promoveu e anunciou a ruptura com a sua forma de vida.

Romantismo definido por Ernst Fischer como “um movimento de protesto – de protesto apaixonado e contraditório contra o mundo burguês capitalista, o mundo das “ilusões perdidas”, contra a dura prosa dos negócios e do lucro” (Ibidem, p. 26). *O Rei da Vela*, peça escrita em 1933, como se viu, é a expressão desse sentimento, a denúncia da agiotagem, dos juros extorsivos praticados pelo capitalista, em que os devedores são

tratados com desprezo e violência.

No entanto, em sua forma de “captar o instável e o movediço”, também exigia uma nova estética, que representasse “novas formas de sensibilidade aptas a simbolizarem, ainda que difusamente, o ineditismo das mudanças em toda a sua efervescência” (SALIBA, 2003, p. 41). Pode-se entendê-lo como um escritor realista, na medida de sua vinculação orgânica a grupos sociais e com a realidade brasileira e sua luta pela renovação estética e política, como também num modo mais ponderado e sensível de equilibrar realidade e possibilidade, limites e alcances de suas teses, como com a interpretação que fez do Movimento de 1922 em São Paulo ou a forma como deu vida aos tipos populares, principalmente no ciclo *Marco Zero* ou nas análises do cotidiano citadino de São Paulo em suas colunas nos diversos jornais, ou ainda nos diálogos que elabora com a vida na cidade e a cultura moderna.

Importante para o pensamento socialista no Brasil e na América Latina, Oswald de Andrade mostrou-se capaz de transitar entre a linguagem formal da literatura e a rápida e popular do jornalismo, ainda que ele tenha mantido as duas formas, mas a segunda é muito mais utilizada; um escritor que vai da prosa para as palavras de ordem; do romance para a tese; da poesia para a trincheira das lutas comunistas - uma tomada de posição efetiva em relação ao conteúdo dos problemas do seu tempo a partir do método marxista, pois, para o *conhecimento do presente – os conceitos são apenas representações intelectuais de realidades históricas* (LUKÁCS, 2003, p. 60).

## Referências

ANDRADE, O de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990.

ANDRADE, O de. **O Homem do Povo**: coleção completa e fac-similar do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). – 3. ed. – São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

ANDRADE, O de. **Revista de Antropofagia**: coleção completa e fac-similar. São Paulo: Abril Cultural; Metal Leve, 1975.

ANDRADE, O de. **Serafim Ponte Grande**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992b.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, A. A. **Ciência e Mito**. Coimbra. Imprensa da Universidade, 2010.

- DANTAS, V. **O Canibal e o Capital**. A Arte do Telefonema de Oswald de Andrade. Terceira Margem. Revista de Pós-Graduação em Ciências da Literatura. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 11, 2004.
- FERRAZ, G. **Depois de Tudo**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1983.
- FONSECA, M. A. **Oswald de Andrade, 1890-1954: Biografia**. São Paulo: Art Editora: Secretaria do Estado e Cultura, 1990.
- KONDER, L. **Intelectuais brasileiros & marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- LOWY, M. & SAYRE, R. **Romantismo e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- MARTINS, R. de O. **Um Ciclone na Paulicéia: Oswald de Andrade e os Limites da Vida Intelectual em São Paulo (1900-1950)**. São Paulo: UNIBERO, 2001.
- MICELI, S. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NUNES, B. Historiografia Literária do Brasil. In: **Crivo de Papel**. São Paulo: Ática, 1998.
- SALIBA, E. T. **As utopias românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.